

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica  
23 a 25 de julho de 2017

Grupo de Trabalho 7:  
Ensino de Sociologia nas modalidades diferenciadas de ensino.

Sociologia para deficientes auditivos: construindo estratégias teórico-  
metodológicas para o ensino dos conceitos de “Cultura” no Instituto Nacional  
de Educação de Surdos.

Denis Thiago Santos de Barros – INES - [prof.denisdebarros@gmail.com](mailto:prof.denisdebarros@gmail.com)

Danielle Rodrigues – INES – [danielliveira@gmail.com](mailto:danielliveira@gmail.com)

## **Conhecendo o mundo da surdez**

Os surdos são pouco conhecidos entre os ouvintes, isto é, entre as pessoas que não portam deficiência auditiva. Por isso, muitos de nós, ouvintes, não sabemos informações básicas sobre os surdos. Por isso achamos importante fazer uma sucinta apresentação desse universo para o leitor desse trabalho.

Muitos acreditam que as línguas de sinais são universais. Elas não são. Cada país possui a sua própria língua de sinais. Por exemplo, no Brasil a língua falada pelos surdos é a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais. Já os surdos estadunidenses falam a ASL - American Sign Language. São duas línguas que usam sinais completamente diferentes uma das outras, muito embora se valham da mesma estrutura gramatical. E essa é outra informação importante: as línguas de sinais possuem gramática. A LIBRAS não é um conjunto de gestos ou de um sistema rústico de mímicas. Uma língua de sinais possui uma estrutura gramatical que a organiza e confere a ela sentido.

É corrente ouvirmos dizer que os surdos não falam porque não ouvem. Essa é outra informação equivocada. Os surdos que possuem seu aparato vocal intacto podem vir a falar de maneira oral inteligível caso tenham o devido acompanhamento fonoaudiológico para isso, mesmo os que têm perda auditiva profunda. A fonoaudiologia também pode treinar os surdos para a prática da leitura labial. Tanto a oralização quanto a leitura labial exige um árduo treinamento por parte dos surdos junto com profissionais da área de fonoaudiologia. Não são habilidades espontâneas dos surdos como ocorre no aprendizado de uma língua de sinais por um surdo.

A relação dos surdos com a leitura e escrita também é muito complexa e repleta de obstáculos. Muitas pessoas acreditam que os surdos possuem um acesso fácil à leitura e escrita. A realidade não é assim. Isso porque as línguas de sinais se desenvolvem pelo canal de comunicação visual-gestual, enquanto as línguas orais se desenvolvem pelo canal vocal-auditivo. No aprendizado da leitura e escrita, os surdos precisam reconhecer uma realidade fônica que não lhes é familiar acusticamente (Gesser, 2009). Por isso, mas não somente por isso, muitos surdos não sabem ler e escrever satisfatoriamente, e pouquíssimos conseguem ingressar na universidade e se tornar mão de obra

qualificada. A maioria dos alunos do INES não domina a leitura e a escrita da língua portuguesa, ao menos não no seu padrão da norma culta.

Os dados socioeconômicos são também informações importantes para entendermos melhor quem são os surdos no Brasil. De acordo com Pestana e Zão (2011), a maioria dos surdos (85,6 %) com rendimento no nosso país ganha até cinco salários mínimos por mês. Esses dados são referentes ao Censo de 2000, elaborado pelo IBGE. À época, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) calculava, com base na Constituição Federal, o salário mínimo necessário para a subsistência do trabalhador em R\$ 942,76. O Censo 2000 adotou o valor de R\$ 151,00 como referência para o salário mínimo, o que nos faz concluir que cinco salários mínimos para o IBGE em 2000 era R\$755,00.

Esses dados mostram o quanto os surdos são um grupo social submetido a um alto grau de exploração e precariedade no Brasil. A dimensão desse problema fica muito maior quando Pestana e Zão mostram que 56,7% dos surdos que ganhavam até cinco salários mínimos em 2000 tinham um rendimento mensal inferior a R\$151,00. Entre os surdos sem rendimento, 29,6% se encontravam na faixa etária de 10 a 24 anos e 34,5% entre os que estavam na faixa etária de 40 a 59 anos. Os mesmos autores observam que, enquanto entre as pessoas "sem deficiência" esse número percentual tendia a cair ao longo das faixas etárias, entre os surdos esse percentual aumentava, o que indica uma relativa maior dificuldade das pessoas desse grupo em se inserirem no mercado de trabalho.

O corte de classe social no olhar sobre os surdos e a surdez é muito importante, pois esse corte explica que as dificuldades existentes na alfabetização de surdos em língua portuguesa escrita não é somente um fato inerente à surdez em si e/ou devido à ausência de um método específico de alfabetização de surdos em língua portuguesa, mas também é um fator de classe. Nos parece óbvio que para as famílias dos surdos mais pobres, os desafios impostos pela relação entre a surdez e a sociedade em geral são muito mais difíceis de serem ultrapassados. De acordo com Sacks (1990), é extremamente importante para o desenvolvimento da linguagem pela criança a comunicação dela com a sua família. Esse processo é mais difícil para o surdo, que em geral nasce em famílias de maioria ouvinte e, por isso, a

linguagem de sua família não faz o menor sentido para eles. Uma família de classe social economicamente favorecida possui mais recursos para sanar essas dificuldades. Uma família pobre, não. As consultas com fonoaudiólogos são percentualmente mais caras para uma família pobre do que para uma família de classe média alta. Então, também por fatores de classe, a maioria dos surdos no Brasil está submetida a uma vida de privações e precariedade.

## **O INES**

O INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) é o centro de referência na área da surdez no Brasil, segundo as especificações do Ministério da Educação (MEC). Formalmente, ele é o responsável por formular políticas públicas e auxiliar na implementação destas últimas pelas escolas que possuem alunos surdos pelo país. Por ser um centro de referência, o INES disponibiliza o Ensino Básico no Colégio de Aplicação (Cap/INES) com cerca de 600 alunos – com vagas para alunos surdos na Educação Precoce (0 a 3 anos), Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio -; na Educação Superior com o curso de “Licenciatura em Pedagogia”; e na Pós-Graduação Lato Sensu com o curso “Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção”.

O INES também oferece o curso gratuito de LIBRAS com duração de cinco semestres para a comunidade; e, na área da saúde, dispõe de avaliação audiológica para os alunos e a comunidade, buscando a precoce detecção da surdez por meio de exames como a audiometria precoce (“teste da orelhinha”), a indicação e adaptação de prótese auditiva, e encaminhamento fonoaudiológico quando necessário.

A história da educação de surdos no mundo possui uma prevalência religiosa - como na educação formal em geral -, mas nesse caso específico, ensinar os surdos a se comunicar era entendido como uma “missão”, já que apenas desta maneira eles podiam se confessar, citar os sacramentos, ou participar dos cultos e compreender a mensagem professada pelo líder religioso. Ainda nos dias de hoje as comunidades religiosas são o grande polo de educação de surdos, especialmente as protestantes, e, por isso, muitas delas oferecem o curso de LIBRAS e traduzem simultaneamente os seus cultos, inclusive nos canais de TV aberta.

A primeira escola de surdos que se tem notícia foi fundada em 1755 pelo abade católico Charles Michel L' Epée, na França; e a segunda pelo pastor Samuel Heinicke em 1778, na Alemanha. No Brasil, a difusão do acesso à educação data do século XIX, com o Imperador D. Pedro II. Em junho de 1855 o professor surdo E. Huet, diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Bourges, França, apresenta ao imperador uma proposta de criar um estabelecimento para ensinar os surdos brasileiros. Em 1 de janeiro de 1856, nas dependências do colégio M. de Vassimon, começou a funcionar o então “Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos”.

Sempre localizada na cidade do Rio de Janeiro, a escola nacional de surdos passou por diversos endereços (Morro do Livramento, Chácara das Laranjeiras, Rua Real Grandeza - Botafogo) e nomenclaturas (Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos e Instituto dos Surdos Mudos) antes de se chamar “Instituto Nacional de Educação de Surdos”, localizado a Rua das Laranjeiras, 232, em 1957. O que por todo esse período histórico rondou o instituto foi o intenso debate sobre como lecionar para surdos.

### **A educação de surdos: os conflitos**

No século XVII a Oralização (ensinar a falar) era percebida como a melhor forma de integrar o surdo na sociedade. Já no século XVIII essa perspectiva começa a ser questionada, aumentando o número de adeptos da língua de sinais, vista como “a língua do surdo”. No século XIX acreditava-se que a linguagem de sinais seria um obstáculo no desenvolvimento do pensamento do indivíduo surdo, já que muitos educadores achavam que somente a linguagem verbal dava conta da construção do pensamento. Em 1880, no Congresso de Milão - conferência internacional de educadores de surdos - a utilização do Oralismo sai vitoriosa e várias escolas no mundo proíbem o uso da língua de sinais e banem professores surdos, para que somente este método seja ensinado. A não aceitação da língua de sinais diz respeito a um conflito político relacionado à imposição da soberania dos Estados Nacionais. A hegemonia desta estratégia pedagógica dura até 1960, quando o movimento social surdo começa a se fortalecer.

No Brasil, na década de 70, o método de educação de surdos é a Comunicação Total, que utiliza o uso de LIBRAS, o alfabeto datilológico

(alfabeto com as mãos) e o português sinalizado ou pingin (utilização de uma língua com a estrutura de outra, ou seja, fazer os sinais de LIBRAS segundo a estrutura linguística do português. Esse método é inadequado, já que o Português e a LIBRAS possuem estrutura diferente). A Comunicação Total se utiliza de todos os recursos linguísticos possíveis com o objetivo de promover a comunicação e a interação entre surdos e ouvintes. A crítica a essa estratégia está em considerar a língua majoritária (o português) como referência e utilizar ao mesmo tempo duas línguas distintas, sem respeitar as especificidades e o rigor estrutural de cada uma.

A partir da década de 80, Vygotski expande seus estudos na área de educação e percebe que a comunicação deve ser privilegiada, e não a língua propriamente dita. Por essa influência, o Bilinguismo (uso da língua oral e de sinais) passa a ser a estrutura oficial para educação de surdos no Brasil. Nos dias atuais a definição sobre como lecionar para surdos ainda está em debate, mas legalmente todo surdo possui o direito de ter um intérprete de LIBRAS, já que esta ganha o estatuto de língua oficial do surdo pelo governo brasileiro a partir da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.

### **A Sociologia no INES**

A Sociologia no INES é trabalhada, atualmente, nas três séries do Ensino Médio, com 1 tempo de aula (50 minutos) no 1º ano e 2 tempos (1h40m) nos 2º e 3º anos. Essa estrutura se inicia no ano de 2017, ocasião em que houve uma expansão das aulas de Sociologia na Educação Básica do Cap-INES. Anteriormente, no 1º ano não era oferecida esta disciplina; no 2º ano dispúnhamos de 2 tempos semanais; e no 3º ano, apenas 1 tempo de aula. Essa mudança acarretou uma defasagem em relação a forma como está organizado o currículo das séries. A partir de uma reunião de equipe definimos um currículo de 3 anos. Para as séries que começaram em 2017 o 1º ano do Ensino Médio ele será seguido normalmente. Já as turmas de 2º ano (que inauguram a disciplina), elaboramos um currículo condensado: conteúdos de 1º ano no 1º semestre; conteúdos de 2º ano no 2º semestre; e o 3º ano de acordo com o currículo do planejamento padrão.

Essa estratégia trouxe um impacto: o conteúdo de 1º ano, para as turmas que estão no 1º ano, terá 1 tempo de aula semanal para ser desenvolvido. Já as que estão no 2º ano, terão 2 tempos de aula para o mesmo conteúdo.

Atualmente somos dois professores de Sociologia na escola (os autores deste artigo) e estamos trabalhando o mesmo conteúdo em duas séries distintas. O que leciona no 2º ano possui o dobro de tempo para trabalhar os mesmos conteúdos. Esse dado está sendo enfatizado pelo fato dele ser fundamental para a análise que desempenharemos nesse artigo.

### **Os conceitos “Cultura”, “Etnocentrismo” e “Relativismo Cultural” nas Ciências Sociais.**

Como base teórica de nossa pesquisa, utilizamos o livro *Antropologia e Comunicação: princípios radicais*, do antropólogo José Carlos Rodrigues e o livro *Conceitos essenciais da Sociologia*, de Anthony Giddens e Philip W. Sutton. Recorremos a essas duas obras para nos aprofundarmos nos conceitos de “Cultura”, “Etnocentrismo” e “Relativismo Cultural”, a fim de construirmos estratégias para a transposição didática destes. O ensino desses conceitos constituiu os pontos nodais do planejamento pedagógico da disciplina de Sociologia no INES nesse ano letivo de 2017 para as turmas de 1º e 2º ano do Ensino Médio.

Sobre o conceito de "Cultura", nós nos baseamos em GIDDENS e SUTTON (2016). Os autores fazem uma definição prática do conceito desse conceito: "Modo de vida, incluindo conhecimento, hábitos, regras, leis e crenças, que caracteriza determinada sociedade ou determinado grupo social" (GIDDENS e SUTTON, 2016, P. 213). Os autores também fazem toda uma apresentação do conceito de "Cultura", a qual abarca a sua origem histórica, suas abordagens contemporâneas e as discussões que o envolvem dentro dos debates sociológicos.

Para falarmos sobre “Etnocentrismo” e “Relativismo Cultural”, utilizamos RODRIGUES (1989). Segundo esse autor, o “Etnocentrismo” está presente em todas as culturas humanas, pois, no fundo, todos temos a tendência implícita de censurar os "estrangeiros" e os "diferentes" nas suas maneiras de ser, demonstrando, com isso, sentimentos de hostilidade para com eles. Dessa forma, os seres humanos, organizados em sociedades diversas, afirmam a si

próprios na mesma medida negam fazer parte dos "estrangeiros". Esse autor afirma ainda que o etnocentrismo possui uma lógica:

"A lógica do etnocentrismo consiste fundamentalmente em isolar uma característica da própria cultura e elevá-la à condição de definidor de "natureza humana", parâmetros ao qual os demais seres humanos deverão se ajustar (ou não), com graus diferenciados de desconforto. Tal operação se faz sempre de modo a reservar para a cultura classificadora o lugar mais confortável, pois a característica isolada, considerada universal e inevitável, está acima de qualquer discussão. Não é assim que fazemos com critérios como a escrita, a religião monoteísta, a tecnologia, a alimentação, os costumes sexuais, as regras de higiene e assim por diante?" (RODRIGUES, 1989, p. 150)

Em contrapartida, por "Relativização", RODRIGUES (1989) entende que se trata de uma "atitude intelectual diferente da do etnocentrismo" (RODRIGUES, 1989, p. 154). Essa atitude consiste em se esforçar em entender a cultura do "outro" nos termos dessa própria cultura, e não nos termos da cultura de quem está olhando esse "outro". A "Relativização" é, por isso, definidora da Antropologia e também peça fundamental para o desenvolvimento dessa ciência ao longo de sua história.

A partir da leitura e reflexão desses referenciais teóricos, começamos a elaborar as nossas estratégias de aula sob a perspectiva da noção de "Transposição Didática", na forma como esse conceito é tratado por CHEVALLARD (1991). Para Chevallard, a escola e a academia são duas instituições distintas, que possuem funções sociais diferentes. Se a Escola é responsável por difundir os saberes produzidos e selecionados pela Ciência, esta, por sua vez, se responsabiliza por responder aos questionamentos sociais. A transposição didática corresponde ao processo de tradução do saber científico no contexto escolar, sem deturpar ou simplificar o conhecimento acadêmico, mas adaptando-o para a melhor compreensão do aluno.

### **Trabalhar "Cultura", "Etnocentrismo" e "Relativismo Cultural" com surdos.**

O Cap-INES não dispõe de intérpretes de LIBRAS em todas as salas de aula. É responsabilidade do professor (mesmo aquele recém chegado, que não sabe LIBRAS) providenciar a forma como vai lecionar. É possível trabalhar com ajuda de intérpretes, mas esse trabalho precisa de agendamento prévio e



entrega do material a ser tratado, já que o tradutor precisa estudar os sinais que utilizará em aula.

Os autores dessa pesquisa possuem data de entrada diferenciada no Cap-INES. O prof. Denis iniciou seus trabalhos em setembro de 2014, já a prof<sup>a</sup>. Danielle ingressou em junho de 2016. Por qual motivo este dado é importante? Nenhum dos dois sabia LIBRAS antes de começar a trabalhar no INES, a aquisição da língua tem se dado no Instituto e em aulas com professor particular. Pressupõe-se que quanto mais tempo estudando a língua e trabalhando com surdos, mais desenvolta fica sua aquisição linguística, o que impacta na qualidade de comunicação com os alunos.

Trabalhar conceitos sociológicos em LIBRAS, por este motivo, torna-se uma tarefa trabalhosa, já que muitos conceitos não possuem sinais. É necessário explicá-los de maneira mais pormenorizada, adequando o saber sociológico ao nosso saber na língua em que estamos lecionando. Ensinar em LIBRAS é um constante trabalho de tradução, é como ensinar para estrangeiros, com o diferencial de que estamos falando com indivíduos que, em tese, possuem os mesmos saberes culturais que nós, por serem também brasileiros.

Observamos empiricamente que os alunos do Ensino Médio, majoritariamente, não dominam a leitura e a escrita de língua portuguesa, além de apresentarem profundas dificuldades no uso da LIBRAS. Nesse contexto, a Sociologia se coloca como uma disciplina carente de metodologia específica de ensino, tornando o trabalho docente uma constante prática de tentativa e erro. Por isso, pretendemos com esta pesquisa discutir as metodologias que empregamos nas aulas sobre os conceitos de “Cultura”, “Etnocentrismo” e “Relativismo Cultural”. Apresentaremos uma comparação de estratégias utilizadas pelos docentes tendo como verificação dos resultados as avaliações bimestrais realizadas pelos alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio, do turno da manhã.

É importante pontuar que esta é nossa primeira experiência de pesquisa metodológica. Os resultados desta nos orientarão nas próximas experiências didáticas e servirão de base para pesquisas mais aprofundadas em um futuro próximo.

A estratégia dos professores foi diferenciada na forma como discutir esses conceitos, já que possuem níveis distintos de tempo de aula semanal e bagagem linguística. A seguir apresentaremos as estratégias utilizadas.

Nas turmas de 1º ano do Ensino Médio do INES<sup>1</sup>, começamos a falar mais aprofundadamente sobre o conceito de "Cultura" no 2º bimestre de 2017. Esse tema já havia aparecido de forma um tanto quanto coadjuvante no 1º bimestre, no qual ensinamos aos alunos dessa série o que era um conceito, o conceito de "Socialização", a diferença entre "Natureza" e "Cultura" e "Instituições Sociais". Entendemos que, introduzidas essas discussões, os alunos estariam mais preparados para se aprofundarem nos conceitos de "Cultura", "Etnocentrismo" e "Relativismo Cultural". A ideia nessas séries foi apresentar esses termos como conceitos próprios da Sociologia, os quais nos servem de ferramenta para compreendermos melhor a vida dos seres humanos em sociedade.

As aulas sobre "Cultura", assim como as aulas sobre "Etnocentrismo" e "Relativismo Cultural", foram expositivas e, nas turmas de 1º ano, não trabalhamos com intérpretes. Por falta de tempo, procuramos utilizar o mínimo possível texto escrito na lousa. Optamos, então, pela apresentação de slides no aparelho televisor disponível na sala de aula. Esses slides continham textos e imagens ilustrativas das ideias e conteúdos que queríamos ensinar aos alunos. Em sala de aula, definimos "Cultura" como sendo um conjunto de regras, crenças, costumes e ideias presentes em cada país do mundo. Ao mesmo tempo em que fomos fieis ao sentido do conceito de "Cultura" na forma como ele aparece em GIDDENS e SUTTON (2016), optamos por utilizar a palavra "país" ao invés de utilizarmos a palavra "sociedade" ou o termo "grupo social", pois o sinal para "sociedade" existente em LIBRAS é o mesmo que é utilizado para "Sociologia" e para "Serviço Social". Quisemos, portanto, evitar quaisquer possíveis confusões por parte dos alunos, utilizando o nosso conhecimento de LIBRAS.

Para fazê-los entender que "Cultura" é algo criado pela humanidade, utilizamos diversas imagens de "culturas" cujos costumes e padrões estéticos

---

<sup>1</sup> As turmas de 1º ano possuem 1 tempo de aula semanal. O professor regente dessas turmas estuda LIBRAS há quase três anos. Há duas turmas de 1º ano no turno da manhã no INES.

são muito diferentes dos existentes no Brasil. Reforçávamos, assim, que os diferentes povos do mundo criaram diferentes formas de se viver nesse mundo. Essa estratégia provocou nos alunos diversas reações. Por exemplo, diante de uma imagem (Imagem 1 dos anexos) que mostrava um prato tailandês cuja base era insetos fritos, muitos alunos faziam o sinal de "nojo" para demonstrar o quanto aquilo lhes era "estranho" e "repugnante". Já a foto de uma mulher africana vestida de acordo com os padrões de beleza de sua tribo provocou, em alguns alunos, risadas. Pusemos a fotografia desta mulher ao lado de outra, a qual mostrava uma mulher brasileira cujo corpo estava dentro dos padrões de beleza daqui (imagem 2 dos anexos). Com a imagem e a explicação posterior, quisemos mostrar que o belo nada tem de natural, pois cada país possui a sua própria ideia de beleza.

Esse foi o gancho para entrarmos no conceito de "Etnocentrismo" e "Relativismo Cultural". Dissemos aos alunos que, quando duas culturas se encontram, duas coisas podem acontecer: ou o desprezo mútuo ou o respeito mútuo. Quando utilizamos o sinal de "desprezo", estávamos ensinando aos alunos o que entendemos ser o efeito maior do "Etnocentrismo", a partir da nossa leitura de RODRIGUES (1989): o desdém pela cultura do "outro", que é o "outro" exatamente por não compartilhar dos mesmos costumes, nem das mesmas crenças, regras e ideias que temos. O próprio riso dos alunos em relação à imagem da mulher africana, assim como a cara de nojo que eles fizeram para a imagem da comida tailandesa foram apontados por nós como exemplos de "Etnocentrismo". Utilizamos, porém, outra imagem (imagem 3 dos anexos) a qual mostrava um grupo de padres rindo de um homem que adorava um deus de sua tribo. Tentamos, através desta figura, mostrar que os padres estavam rindo do homem por estarem julgando-o de acordo com os padrões da fé e da cultura cristã. Concluimos, então, que "Etnocentrismo" é o conceito que explica o pensamento e o sentimento que um povo ou país tem de que a sua cultura é melhor e mais importante do que as demais.

Em contrapartida, abordamos o "Relativismo Cultural" como o conceito que explica a atitude de respeito por uma cultura diferente e pela tentativa de compreensão das diferenças culturais existentes no mundo. Pode parecer uma simplificação grosseira reduzir o "relativismo" a essa definição, mas o modo como o ensinamos em sala de aula deixa clara a nossa fidelidade a esse

conceito na forma como ele aparece em RODRIGUES (1989), pois entendemos que a palavra "respeito" traduz o sentido da ação relativista, que é a de compreensão do "outro" pela tentativa de apreensão dos padrões culturais desse "outro", na mesma medida em que se tenta o afastamento dos seus próprios padrões. Encontramos muitas dificuldades de explicar esse conceito de outra forma em língua de sinais, sobretudo pelo fato de, em LIBRAS, o sinal de "padrão" ser o mesmo sinal usado para "igualdade". Por isso optamos pela utilização da palavra "respeito", a qual possui sinal próprio na Língua Brasileira de Sinais.

Avaliamos os alunos do 1º ano do turno da manhã de duas formas: um trabalho feito em sala de aula, com consulta, e uma prova feita também em sala de aula, sem consulta. Foi muito difícil para nós aferirmos o aprendizado dos alunos dessa série por essas avaliações, pois as respostas dadas por eles foram muito variadas, não obedecendo a um padrão de pensamento. Optamos, então, por tentar apreender a ideia que os alunos tentaram passar em suas respostas nas avaliações. As duas fotografias de provas (imagens 4 e 5 dos anexos) mostram um exemplo de resposta que consideramos correta e outro de resposta errada, nas questões que tratavam dos conceitos de "Relativismo Cultural" e "Etnocentrismo". O resultado geral do trabalho feito nas turmas de 1º ano não nos pareceu muito satisfatório, pois o número de respostas erradas foi muito grande em todas as turmas.

Nas turmas de 2º ano<sup>2</sup>, a discussão sobre o conceito de "Cultura" se deu no mesmo contexto em que foi tratado o de "Socialização". Pela experiência dos surdos com a noção de Cultura - já que o Movimento Social Surdo reivindica a surdez não como uma deficiência, mas como uma Cultura diferenciada -, utilizamos essa base referencial que já está em seu circuito de debate<sup>3</sup>. A partir dessa bagagem, o conceito de "Cultura" foi explicado mais pela via de exemplos cotidianos do que pela via conceitual.

---

<sup>2</sup> Esta possui 2 tempos semanais de Sociologia e o professor regente estuda Libras há 1 ano.

<sup>3</sup> Enquanto cientistas sociais, temos críticas sobre a forma como o conceito é utilizado pelo Movimento Social Surdo. Este é um debate que não cabe neste artigo, mas que já está sendo discutido por um grupo de pesquisa de professores da Educação Básica no INES, formado por docentes de Sociologia, Filosofia e História.

“Cultura” foi tratado como um saber aprendido pelos seres humanos, realizando como contraponto o “instinto”, que seria uma característica eminentemente animal, cuja origem já está conosco desde o nascimento. Nós, por termos cultura, não realizamos apenas ações meramente repetitivas, induzidas por necessidades naturais. Os demais animais, que não têm cultura, empreendem sempre o mesmo comportamento, sem prática criativa, e possuem uma relação com o seu meio de busca pela sobrevivência (caçar, buscar abrigo e se reproduzir). Já os seres humanos, pela cultura, podem criar; tanto no sentido material (objetos como mesa e cadeira, a partir da modificação da natureza bruta, como um tronco de árvore), quando no sentido simbólico (quando cria regras de comportamento dentro de uma escola). Desta maneira, a cultura está conosco desde o momento em que nós nascemos até o dia em que morremos.

Os exemplos utilizados para esmiuçar o “aprendizado cultural” estiveram demarcados a rede de experiência vivida pelos alunos, como por exemplo, o fato de saber falar LIBRAS. Foi discutido em aula como a língua não é um saber inato, mas como, pela via cultural, nós aprendemos os códigos sociais, nos inserimos nele e podemos, inclusive, modificá-los<sup>4</sup>.

Para o debate sobre os conceitos de “Etnocentrismo” e “Relativismo Cultural” foi entregue aos alunos um material produzido pelos professores (imagem 6 dos anexos) que continha o significado e um exemplo histórico de aplicabilidade destes<sup>5</sup>. Esse material foi lido com os alunos e explicado em LIBRAS.

Para “Etnocentrismo” a explicação se concentrou no fato de que toda vez que nos deparamos com uma cultura distinta da nossa e a analisamos a partir dos códigos da nossa cultura, estamos tendo uma prática etnocêntrica. O “Etnocentrismo”, desta forma, é uma ação que não respeita as diferenças, já

---

<sup>4</sup> A nossa falta de domínio da LIBRAS não permitiu o adequado aprofundamento da questão, já que é corrente, no INES, se ouvir falar que a LIBRAS é a língua natural do surdo. Este poderia ser um estopim para um debate promissor em aula, mas que não foi possível dadas as circunstâncias.

<sup>5</sup> Produzir material para alunos surdos possui algumas especificidades, que não são obrigatórias, mas circulam entre os professores do Ensino Básico como estratégias eficazes: textos curtos; uso de palavras pouco complexas que tenham sinais em libras (por isso muitas vezes uma mesma palavra é repetida várias vezes no texto, por seu sinônimo ter o mesmo sinal e, nesse contexto, se preferir aquela mais corriqueira no vocabulário); imagens que dialoguem com o texto; e exemplos.

que acha que há uma cultura “melhor”, “superior”, e que a sua maneira de se agir é a correta, excluindo toda a diversidade de costumes.

Já “Relativismo Cultural” foi trabalhado como uma prática que busca olhar para as culturas diferentes e, ao invés de julgar seus costumes como “ruins” ou “errados”, tenta entender o motivo pela qual os povos têm hábitos diferentes. Quando olhamos para as culturas com o olhar do “Relativismo Cultural” percebemos que toda cultura tem um motivo pelo qual age de uma determinada maneira e isso precisa ser respeitado, já que não há cultura “melhor” nem “pior”. Os resultados dessa avaliação conceitual, podem ser vistos nas imagens 7 e 8 dos anexos.

“Etnocentrismo” possui sinal, mas este não é conhecido pela maioria dos alunos. Já “Relativismo Cultural” não tem sinal, então, toda vez em que estes conceitos foram tratados, fez-se necessário fazer a datilologia<sup>6</sup> da palavra, ou apontar para ela escrita na lousa. Por ser um conceito complexo, tivemos considerável dificuldade em explicá-la com a bagagem linguística em LIBRAS que possuíamos na primeira aula expositiva. Os alunos se confundiam, não entendiam os sinais realizados pelos professores e se dispersavam com facilidade, justamente por não estarem entendendo a matéria. Dada essa percepção, optamos pela ajuda de um intérprete<sup>7</sup>.

A chegada do intérprete trouxe clareza para os alunos sobre o entendimento dos conceitos. A facilidade de comunicação, com a chegada deste profissional, permitiu que a aula de 2 tempos tivesse muitos debates, com a participação dos alunos dando muitos exemplos e realizando perguntas. Porém, olhando de forma crítica, a compreensão teve limites importantes, dado que a abstração dos conceitos ficou em prejuízo e mais se enfatizaram os exemplos de como essas noções podiam ser aplicadas. Toda vez em que tentamos aprofundar o debate nas turmas de 2º ano, ele resultava em novos exemplos e se fugia da complexidade que o conceito poderia provocar, como a hierarquia imposta pelo Etnocentrismo ao julgar culturas distintas como “inferiores” e “atrasadas” ou o poder que estar nesse lugar de “superioridade

---

<sup>6</sup> Fazer com o alfabeto manual surdo brasileiro as letras da palavra, algo semelhante à soletração no português.

<sup>7</sup> A aula com o intérprete possui uma série de desafios no INES, dentre elas, está a percepção negativa atribuída a essa escolha pelos alunos, que a consideram como uma preguiça do professor em aprender a sua língua. Por isso, é de bom tom só solicitar esse auxílio quando nossos esforços na comunicação se esgotam.

cultural” traz para determinadas nações, e que impactam a nossa vida atualmente, por exemplo. Porém, apesar disso, foi possível desenvolver uma compreensão de que a nossa cultura também deve ser estranhada, e aquilo que achamos “normal” e “familiar” para outras culturas também pode ser visto como “estranho”.

Essa apreensão, de que dependendo do referencial em que olhamos uma cultura ela pode ser vista como “estranha” ou “normal”, desenvolveu nos alunos a compreensão de que a cultura é um sistema complexo de códigos que precisa ser interpretado a partir do olhar dos membros que vivem naquele grupo social. Qualquer tentativa de sobrepor códigos de uma cultura para outra pode gerar conflitos, como práticas preconceituosas ou de violência física. A forma como os alunos se relacionaram com esta análise, pode ser vista nas imagens 9, 10, 11 e 12 dos anexos.

O resultado das avaliações dos alunos nas turmas de 2º ano foram dentro das expectativas, dado que a correção no INES possui especificidades. Buscamos, primordialmente, palavras chaves ligadas ao gabarito que esperamos de cada questão. Percebemos que os alunos conseguiram, minimamente, compreender os conceitos e relacionar o impacto deles na vida cotidiana.

### **Conclusão:**

A diversidade na forma como os alunos surdos do INES escrevem em português merece um estudo a parte, mas por não dispormos de nenhuma investigação organizada nesse sentido, não vamos nos aprofundar neste objeto. O que podemos dizer de forma preliminar é o fato de que durante toda a prova os discentes nos questionam como se escrevem palavras cotidianas do português, como “dormir”, “rico” e “garfo”. A falta de domínio da escrita em português é uma das grandes dificuldades em nosso trabalho docente. Somos questionados ininterruptamente em LIBRAS sobre como um sinal é escrito em português (imagens 13 e 14 dos anexos apresentam a lousa após o término da prova). A escrita também carece de organização textual, vocabulário e regras ortográficas bem aplicadas.

Na análise comparativa sobre como as séries de 1º e 2º ano do Ensino Médio diurno do INES apreenderam os conceitos trabalhados nesse artigo,

percebemos que as turmas apresentaram resultados diferenciados. O aproveitamento dos alunos do 2º ano se mostrou mais satisfatório do que os do 1º ano. Duas hipóteses emergem para nós a partir desse dado:

a) o melhor aproveitamento dos alunos do 2º ano se deu pelo fato de eles terem mais tempo de aula por semana (o dobro do que é oferecido ao do 1º ano);

b) o melhor desenvolvimento na comunicação entre professor e aluno no 2º ano, devido ao trabalho conjunto entre docente e intérprete de LIBRAS.

Sendo assim, nos parece imprescindível para o bom desenvolvimento do Ensino e Aprendizado de Sociologia para surdos, o mínimo de 2 tempos semanais de aula. Também se mostra fundamental a existência de um projeto de formação continuada para professores ouvintes que não dominam a língua de sinais no INES, dado que o professor nesta Instituição ocupa também o papel de tradutor e, por isso, precisa deter um conhecimento aprofundado da língua com a qual trabalha, no caso, a LIBRAS.

Esta pesquisa, de cunho preliminar e circunscrita a uma amostra pequena de avaliações bimestrais e turmas, não nos permite desenvolver grandes conclusões sobre o ensino dos conceitos “Cultura”, “Etnocentrismo” e “Relativismo Cultural” para surdos, mas nos trouxe percepções sobre a complexidade existente na relação dos surdos do INES com a educação formal no Ensino de Sociologia. Portanto, nosso objetivo foi dar um passo no sentido de melhor compreender esse contexto e encontrar estratégias para aprimorar o trabalho que estamos desenvolvendo nesta Instituição.

## **Bibliografia:**



CHEVALLARD, Yves. La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique, 1991.

CROMACK, E.M.P.C. Identidade, Cultura Surda e Produção de Subjetividades e Educação: Atravessamentos e Implicações Sociais. In: *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (4), 68-77, 2004.

CESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIDDENS, Anthony e SUTTON, Philip W. *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo, Editora UNESP, 2016.

MATOS FILHO, Maurício A. Saraiva de. et al. A transposição didática em Chevallard: as deformações/transformações sofridas pelo conceito de função em sala de aula. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.PUC – PR, 2008. Disponível em <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/431\\_246.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/431_246.pdf)>, Acesso em: 29 de junho de 2017.

PESTANA, M. M.; ZÃO, A. C. V. Educação de surdos no Brasil: políticas públicas para a educação na lógica da economia mercantil privatista. In: *Revista Espaço: informativo técnico/científico do INES*. INES - Rio de Janeiro, n.36, p 72-84, jul - dez, 2011.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição de linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Estudos Surdos I*. Petrópolis/RJ, Arara Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Políticas linguísticas e educação de surdos*. In: V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional do INES, 2006, Rio de Janeiro. *Anais do Congresso: Surdez, família, linguagem e educação*. v.1. p.94 – 102. Rio de Janeiro: INES, 2007.

ROCHA, S. M. *O INES e a educação de surdos no Brasil*. Vol 1. Rio de Janeiro, INES, 2008.

\_\_\_\_\_. *Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. In: *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

## ANEXOS:

- Imagem 1:

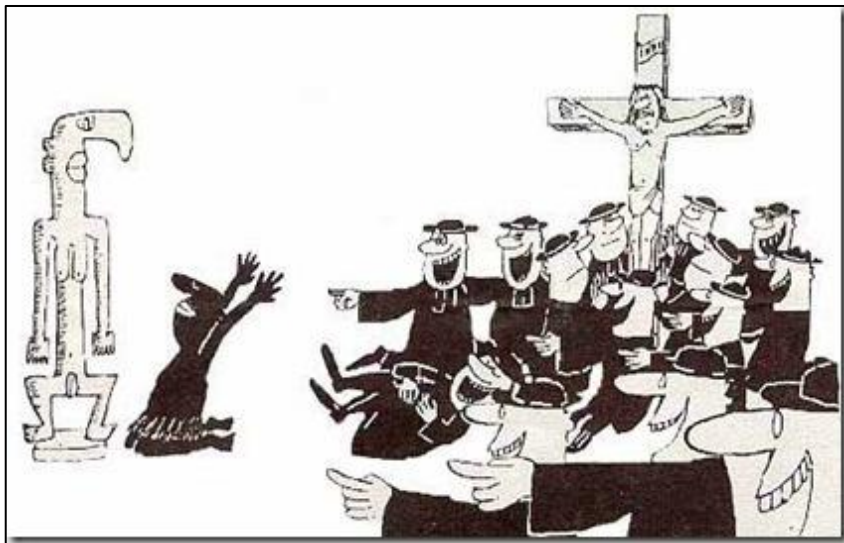


- Imagem 2:

**Padrões de beleza**

<b>Brasil</b>	<b>África</b>
	

- Imagem 3



- Imagem 4::

Questão 2: Observe a imagem abaixo e responda às questões a e b.

a) A imagem acima mostra um menino árabe e um menino israelense se abraçando. Os dois meninos fazem parte de culturas muito diferentes, mas estão mostrando um para com o outro uma atitude de respeito. Essa imagem, então, mostra um exemplo de etnocentrismo ou relativismo? (1,0 pt)

etnocentrismo       relativismo

b) Justifique a resposta que você deu na questão a explicando o conceito escolhido por você. (1,5 pt)

R: mas ainda respeito por ter culturas como um  
etnocentrismo mas mundo é diferente porque é  
culturas.

- Imagem 5:

Questão 2: Observe a imagem abaixo e responda às questões a e b.



a) A imagem acima mostra um menino árabe e um menino israelense se abraçando. Os dois meninos fazem parte de culturas muito diferentes, mas estão mostrando um para com o outro uma atitude de respeito. Essa imagem, então, mostra um exemplo de etnocentrismo ou relativismo? (1,0 pt)

etnocentrismo

relativismo

b) Justifique a resposta que você deu na questão a explicando o conceito escolhido por você. (1,5 pt)

R: PORQUE ELAS TEM RESPEITO DE OUTRA PESSOAS E TAMBÉM  
FAZEM AMIGOS SEM SE IMPORTAR PORQUE SOMOS IGUAIS  
SÓ QUE A CULTURA É DIFERENTE MAS OS HUMANOS SÃO  
IGUAIS...

- Imagem 6:

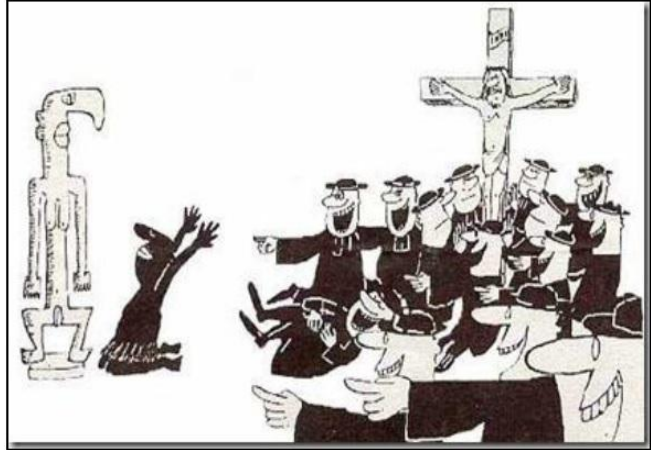
## ETNOCENTRISMO E RELATIVISMO CULTURAL

**ETNOCENTRISMO** quer dizer “minha cultura no centro do mundo”.

O **etnocentrismo** é uma forma de pensar que despreza culturas, costumes e povos que têm maneiras diferentes de agir. Esse pensamento julga costumes diferentes como piores e inferiores, e acredita que só existe uma cultura correta.

O etnocentrismo começa quando temos um **choque cultural**, ou seja, vemos um povo com costumes que não conhecemos. Quando um grupo come diferente, se veste diferente ou tem uma religião diferente, reagimos como se eles fossem “estranhos”.

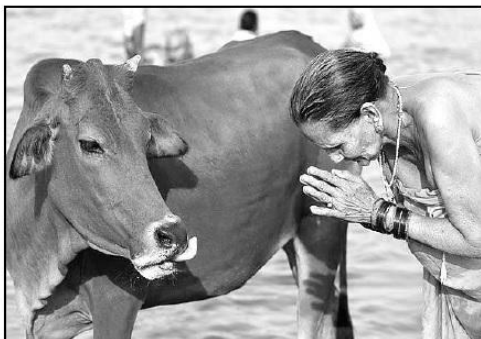
Muitas vezes, o preconceito é tão grande que o etnocentrismo pode acabar com uma cultura.



No passado, muitas histórias podem ser entendidas como **etnocentrismo**. Por exemplo, quando os portugueses chegaram ao Brasil e não respeitaram a cultura das tribos indígenas, obrigando eles a se vestirem e adorarem os santos católicos.

Os portugueses achavam a cultura indígena inferior e proibiram os índios de praticarem seus costumes. Isso provocou a morte da cultura de muitas tribos brasileiras.

**O RELATIVISMO CULTURAL** é uma forma de pensar que vê as diferenças culturais sem preconceito, respeitando a forma de ser de cada povo.



Para o **Relativismo Cultural**, as culturas são diferentes porque cada uma se adapta ao que precisa para sobreviver na sua sociedade. Para essa forma de pensar, precisamos sempre tentar entender os porquês de cada povo agir de maneiras diferentes.

Um exemplo é a adoração das vacas na Índia. A Índia é um país muito pobre e o leite das vacas é um dos principais alimentos para o povo não morrer de fome. Por isso, os indianos não matam as vacas, para eles, isso é um grande pecado.

- Imagem 7:

**QUESTÃO 5:** Leia as questões abaixo e responda:

a) Explique o que significa ETNOCENTRISMO e dê 1 exemplo: (0,25)

observa outro alguém faz cultura diferente, acha nojentos, discorda e quer toda cultura igual.

b) Explique o que significa RELATIVISMO CULTURAL e dê 1 exemplo: (0,25)

observa alguém faz cultura diferente, respeita diferenças, entende.

Imagem 8:

**QUESTÃO 5:** Leia as questões abaixo e responda:

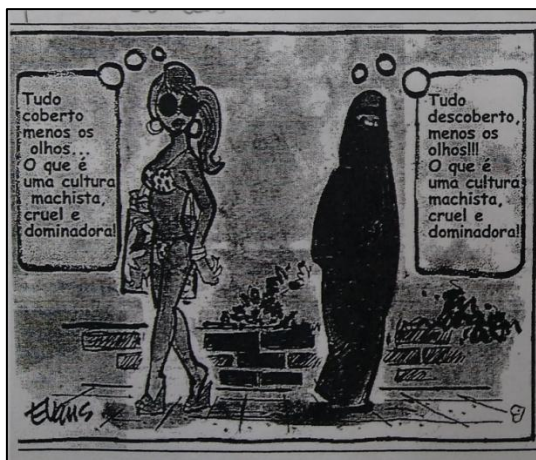
a) Explique o que significa ETNOCENTRISMO e dê 1 exemplo: (0,25)

Etnocentrismo é a cultura dentro mais de importante do mundo.

b) Explique o que significa RELATIVISMO CULTURAL e dê 1 exemplo: (0,25)

Relativismo cultural é relação com as diferenças precisa entender a cultura para os países tem que respeitamos não desrespeitar.

- Imagem 9:



2) Observe a charge ao lado e responda:

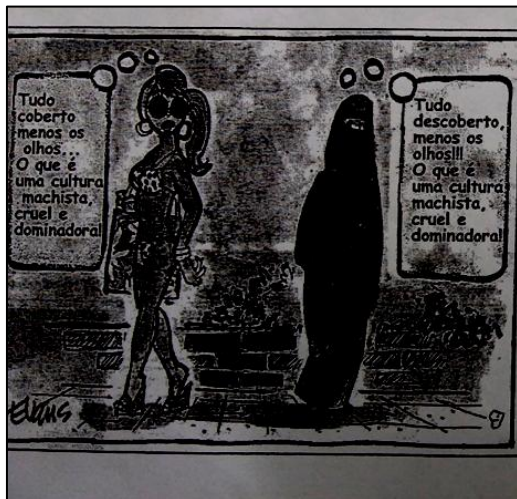
a) O que as mulheres estão dizendo uma para a outra?

naquela pessoa roupa aberta esta dizer que ela esta descoberto, esta naquela mulher falar que ele esta todo roupa coberto.

b) A atitude delas é semelhante ao Etnocentrismo ou ao Relativismo Cultural? Justifique sua resposta.

é Etnocentrismo, porque não aceita que é cultura diferente. Então é preconceito.

- Imagem 10:



2) Observe a charge ao lado e responda:

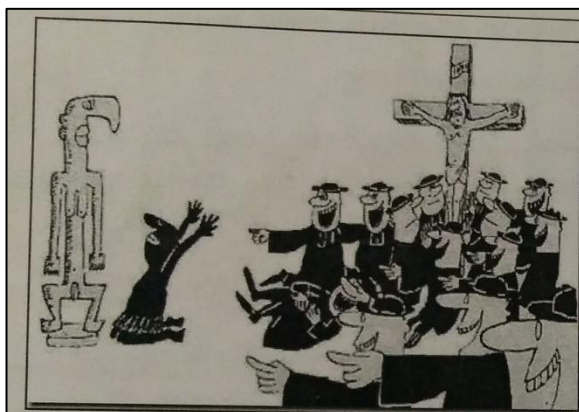
a) O que as mulheres estão dizendo uma para a outra?

Mulher em ta descoberta outra  
parece uma Roupa Preto, mas os olhos  
mas cultura é diferente.

b) A atitude delas é semelhante ao Etnocentrismo ou ao Relativismo Cultural? Justifique sua resposta.

Etnocentrismo, porque mulher  
chama fua roupa parece preto  
mas Roupa e cultura, tem que  
respeitar.

- Imagem 11:



QUESTÃO 6: Observe a imagem ao lado e responda:

a) O que está acontecendo na imagem? (0,25)

O homem está rogando, mas não entende a cultura deles a cultura deles não é roupa. As pessoas estão rindo, porque eles não entendem a cultura dele a cultura.


b) A atitude de algum dos personagens da charge possui ETNOCENTRISMO? Justifique sua resposta. (1,0)

É a cultura dele mais mundo, o homem foi acostumado para a legal. Único dele tem que respeitar.

c) Qual deveria ser a atitude correta dos personagens na imagem? (0,25)

O homem e o negro, também o homem está rindo, eles estão são culturais.

- Imagem 12:



**QUESTÃO 6:** Observe a imagem ao lado e responda:

a) O que está acontecendo na imagem? (0,25)

*As pessoas estão tendo porque o índio aderendo com Jesus Deus não palados.*

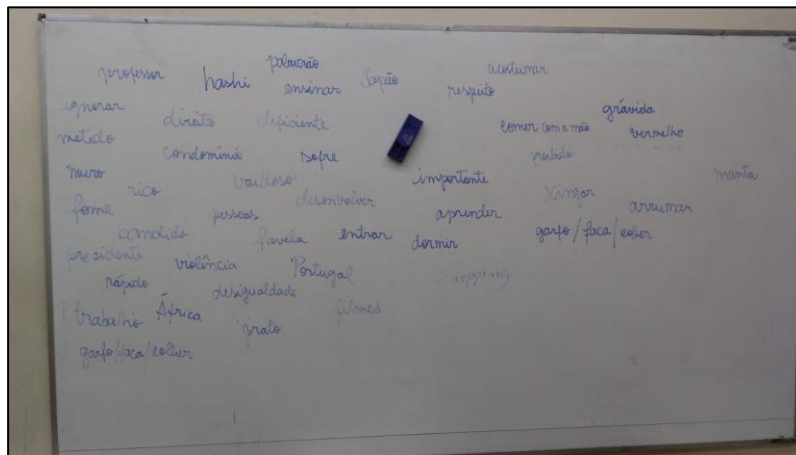
b) A atitude de algum dos personagens da charge possui ETNOCENTRISMO? Justifique sua resposta. (1,0)

*Sim, eles não respeitam com índios porque eles ficam estranhos com índios não palados. É isso que é etnocentrismo. Não devemos que a cultura dele.*

c) Qual deveria ser a atitude correta dos personagens na imagem? (0,25)

*Errado!! porque os povos precisam respeitar e entender porque cultura distantes*

- Imagem 13:



- Imagem 14:

